

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO DE JANEIRO

CCE – Coordenação Central de Extensão

Mídia, Tecnologia da Informação e Novas Práticas Educacionais

Prof^{as}: Rosália Duarte, Rita Leal, Ilana Eleá

Discente: Fabiana Antonini

fabiana.pos@gmail.com

Resumo 02 - abril/ 2008.1

RESENHA CRÍTICA¹

FERGUSON, Robert. **Media Education e o desenvolvimento de uma pedagogia apropriada.**

Colabora , Santos, v. 1, n. 3, p. 3-16 Feb-Apr/2002

Sobre o autor

Robert Ferguson é professor do Instituto de Educação da Universidade de Londres, no qual coordena os programas de pós-graduação em Media Education e orienta candidatos ao Ph.D. É pesquisador do Centro de Pesquisa em Comunicação, Cultura e Sociedade (CCS), autor de diversas obras, diretor de documentários para a BBC e outros canais e consultor de organismos britânicos e internacionais ligados à educação e mídias.

Resumo

Preocupado com a questão da *media education* e com a importância da mesma como atividade transcurricular, o autor Robert Ferguson apresenta, neste texto, seis aspectos propostos pelo British Film Institute, “que ajudaram a formar uma das correntes mais influentes nessa área no Reino Unido”. Em seguida, propõe seis conceitos para “alargar e aprofundar essa contribuição, apontando alguns caminhos para estudos e práticas educacionais envolvendo professores, alunos e pesquisadores”.

¹ O texto se configura como parte da segunda atividade proposta aos alunos no curso de Especialização em **Mídia, Tecnologia da Informação e Novas Práticas Educacionais**, turma 2008.1.

Onde começar?

Nesta parte inicial do texto, Ferguson faz alguns comentários sobre as formas pelas quais a *media education* vem sendo conceitualizada e comenta a abordagem proposta pelo British Film Institute, no Reino Unido.

Segundo ele, o texto “não pretende ser um ‘como-fazer’: o que se oferece aqui são modos de aproximação da *media education*, e, onde apropriado, algumas sugestões para atividades em sala de aula”.

Sendo assim, o autor define a abordagem da *media education* pela qual deseja argumentar:

“É ativa, participativa e que envolve o desenvolvimento de uma série de habilidades analíticas e descritivas. Não é prescritiva, a não ser quanto a estar firmemente enraizada no ideal da educação democrática. Isto significa que será uma *media education* que pretende questionar toda uma variedade de questões e formas de representação e debater leituras e entendimentos possíveis sobre essas questões.”

Alguns aspectos fundamentais da *Media Education*

Ferguson destaca seis aspectos da Media Education:

Agências – quem está comunicando e por quê? Segundo o autor, essa prática “deve ser tomada como uma forma de aprofundar o entendimento dos estudantes sobre os modos pelos quais as mensagens podem ser talhadas para diferentes propósitos e finalidades”.

Escrever para as mídias (incluindo o jornal da escola) é um modo crucial de aprender sobre as demandas genéricas de uma forma particular de comunicação. É também um modo de gerar nossas próprias mensagens ao invés de sempre e somente receber as mensagens dos outros

Categorias de mídias – de que tipo de texto se trata? Segundo o autor, a categorização é uma maneira de agrupar mensagens midiáticas. “É o primeiro passo na estrada para uma análise estruturada das mídias e como tal é potencialmente muito significativa”.

Tecnologias – como é produzido? Ferguson traça um caminho para o estudo das tecnologias:

Numa primeira instância, o mídia-educador e seus estudantes precisam investigar os tipos de tecnologia disponíveis e em uso. Numa segunda instância, eles precisam estar aptos a utilizar estes recursos para produzirem suas próprias mensagens.

Linguagens das mídias – como sabemos o que significa? Para o autor, esse é um dos aspectos mais significativos, pois prepara o estudante ou aluno para o envolvimento com a linguagem e a significação. “Estudar as linguagens das mídias é estudar um campo que está constantemente evoluindo e se transformando. É um campo que certamente tem certas regras de produção e procedimentos que tendem a ser dominantes num determinado momento”. Mas ele alerta que este estudo requer do professor e do estudante que se envolvam tanto com as convenções quanto com os códigos das mídias.

O estudos das linguagens das mídias abre caminho para um engajamento duradouro e muito produtivo com as mídias. Não deve estar baseado na imposição de uma teoria árida, mas em um movimento em direção à teorização como uma atividade educativa central para todos os jovens.

Audiências – quem recebe e que sentido fazem do que recebem? Ferguson mostra que pesquisas sobre as audiências têm avançado bastante e que hoje se reconhece que raramente existe uma audiência indiferenciada para a mídia. Existem, sim, muitas audiências diferentes, num processo constante de formação e reformação de acordo com o tipo de mensagem midiática oferecida.

Representações – como apresenta o seu assunto? Para Ferguson, o estudo da representação é central para qualquer atividade de *media education* porque é sobre os meios pelos quais nós compreendemos a realidade na qual vivemos. A representação pelas mídias é significativa porque é através da representação que algumas questões de ordem e significado são impostas ao mundo. “O mídia-educador deseja estudar a representação para identificar as formas pelas quais o mundo é significado e sob quais interesses essa significação opera”, define o autor.

De “aspectos” a “conceitos”

Nessa parte do texto, Ferguson mostra sua interpretação dos seis aspectos essenciais da *media education* apresentados anteriormente.

Para isso, ele analisa alguns debates sobre a natureza e o propósito da *media education*. Segundo ele, certas abordagens da *media education* mostraram-se mal sucedidas pedagogicamente. E isso foi uma razão suficientemente boa para se repensar a abordagem geral.

Assim, ele apresenta seis conceitos como complemento aos “aspectos” existentes. Todos relacionados entre si, esses conceitos podem ser usados, segundo Ferguson, para propósitos analíticos ou de identificação e descrição de mensagens midiáticas, organizações, audiências e representações.

Prazer – “É um conceito que requer problematização - quer dizer que não deve ser subestimado ou permitido que passe sem questionamento. Não devemos, no entanto, entender que o prazer é intrinsecamente bom ou mau. É algo que precisa ser experienciado, identificado e analisado. A análise não remove o prazer do consumo de mídias, apesar de alguns argumentarem que sim. Problematizar o prazer pode, entretanto, significar que nossa noção do que é prazeroso pode mudar. Também amplia nossa noção do que é prazeroso”.

Poder – Ferguson lista três formas pelas quais o poder das mídias pode operar: o poder de definir a agenda (“Quer dizer que as mídias podem decidir, através de inclusão ou exclusão, o que será discutido ou representado”) ; o poder de definir (“Não se trata somente de que as mídias, através de suas estruturas de administração, que podem decidir o que será re-presentado, mas também de que podem definir como representarão”); através da representação da normalidade (“As mídias, através de repetidas representações de toda uma gama de assuntos, tópicos e pessoas, são capazes de sugerir o que é normal e aceitável. Em consequência também são capazes de descrever ou sugerir o que é desviante”).

Discurso – Para o autor, é tarefa do mídia-educador e seus estudantes considerar as diferentes formas pelas quais estas construções são reunidas e em nome de que interesses podem estar funcionando.

Política – É mais relacionada com os modos pelos quais as relações de autoridade e poder estão distribuídos numa sociedade - em por sua vez com suas representações nas mídias. Relaciona-se também com atividades concernentes com o ganho do poder e seus fins. Segundo Ferguson, “este conceito de política e do político permite ao mídia-educador e seus estudantes considerarem não somente a distribuição do poder nas sociedades mas também a multitude de modos pelos quais as relações de poder em todas as instâncias podem ser significadas e representadas”.

Identidade – “As mídias estão constantemente envolvidas com o processo de representação de indivíduos e grupos como sendo tanto de dentro como de fora da nossa esfera normal de referência.”

Democracia – Para o autor, a questão da democracia tem de ser discutida e analisada pelo ângulo de quem possui e de quem comanda as mídias e também pelo ângulo de quem é nelas representado. “Essa prática envolve o estudo de textos ficcionais, de documentários, noticiários e programas de atualidades, tal como representados nas mídias”, sugere.

Conclusão

Definindo a *media education* como uma cuidadosa formulação de questões, que precisam ser abordadas tanto pelos professores quanto pelos estudantes, o autor traz para a prática a questão da mídia-educação com exemplos, abordagens e propostas para aplicação do estudo pelos professores e estudantes.

Acredito que a formulação de questões, da mais básica à mais sofisticada, é parte de todo trabalho acadêmico sério. É também uma maneira de clarificar questões que estejam sob investigação. Formular questões é igualmente um modo codificado de nos lembrar que geralmente existe mais de uma resposta, e cabe ao professor a tarefa de descobri-las.

Acredito, assim como o autor, que se quisermos que a *media education* tenha realmente alguma relevância para a escola e para a vida dos estudantes, temos de abordar a questão do poder, que está diretamente ligada à questão da democracia - e de uma forma que permita não só o pensamento crítico, mas também a prática democrática na condução dos próprios estudos sobre as mídias.

”Nos momentos iniciais pode ser que a maioria das questões sejam colocadas pelo professor. Espera-se, no entanto, que os estudantes venham eventualmente a delimitar suas próprias questões sobre qualquer texto midiático ou representação. O papel do professor é apoiar os alunos no desenvolvimento de suas habilidades analíticas e, com o tempo, orientá-los para leituras relevantes. Antes de tudo, a *media education* é um processo de exploração consciente da importância da relação entre o mundo no qual todos vivemos e as representações desse mundo nas mídias.”

Dessa forma, propostas como as apresentadas por Ferguson são uma importante contribuição para esse processo.

BRAGA, José Luiz. **A sociedade enfrenta sua mídia. Dispositivos sociais de crítica midiática.** SP: Paulus, 2006, p.21-44.

Sobre o autor

José Luiz Braga é professor e pesquisador no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Unisinos (RS). Graduado em Direito, com especialização em Ciências Políticas, é mestre em educação pela Flórida State University e doutor em Comunicação pela Université de Paris II, Institut Français de Presse.

O sistema de resposta social

No texto *A sociedade enfrenta sua mídia – Dispositivos sociais de crítica midiática*, o autor, José Luiz Braga, propõe uma nova visão que não se resume ao modelo unidirecional, responsável pela crença no dualismo entre mídia e sociedade, “dualismo que é tão mais danoso na medida em que enfatiza a polaridade entre emissor (ativo) e receptor (passivo)”.

José Luiz Braga contrapõe a visão informacional a uma posição comunicacional. Segundo ele, “desde as primeiras interações midiáticas, a sociedade *age e produz* não só com os meios de comunicação, ao desenvolvê-los e atribuir-lhes objetivos e processos, mas sobre os seus produtos, redirecionando-os e atribuindo-lhes sentido social”.

Ele baseia sua pesquisa na hipótese prospectiva de existência de um terceiro subsistema, ao lado dos habitualmente conhecidos: o subsistema de produção e o de recepção.

Braga define a necessidade desse subsistema sobre dois níveis:

Sem a interação social-midiática, a circulação geral não se completa; teríamos, na verdade, uma incoerência de funcionamento cultural em uma sociedade na qual determinados processos se passariam sempre em uma única direção. Assim, a falta de percepção do terceiro subsistema pode ser relacionada ao

dualismo recorrentemente assinalado entre “mídia” e “sociedade”. Em outro nível, vemos a necessidade (lógica) do subsistema no fato de que, sem este, uma série de ações sociais perfeitamente discerníveis não encontra localização na processualidade da “sociedade midiaticizada”

A hipótese da interação como terceiro subsistema deve permitir, segundo o autor, estudos voltados para quatro objetivos complementares de apreensão que são definidos no texto:

a) “relacionar os diferentes processos a um mesmo patamar, comum a todos e, portanto, perceber processualidades similares quando, sem essa referência, perceberíamos apenas coisas diferentes e isoladas”;

b) “perceber as diferenças e especificidades de cada um dos diferentes processos de interação social sobre a mídia, usando o pertencimento comum a um mesmo patamar justamente como critério de comparação e diferenciação”;

c) “perceber e construir articulações internas entre os processos, na medida de seu pertencimento a um mesmo sistema”;

d) “fazer uma distinção entre esses processos e aqueles que ocorrem na produção e na recepção – e, ao mesmo tempo, perceber as articulações que mantenham com esses”.

Para Braga, o estudo dessas questões, “enquanto processos sistêmicos de interação social-midiática” deve ampliar as possibilidades de um conhecimento mais articulado com a processualidade midiática, permitindo construir critérios críticos para a sua análise.

Porém, mesmo o subsistema sendo efetivamente constatado em nossa sociedade, com significativa presença no espaço social e com seus aspectos sociais sendo estudados em pesquisas da área, os processos de interação social são muito pouco analisados. Braga enumera cinco razões para isso ocorrer:

- 1) uma visão “economicista” – “tende a enfatizar a circulação dos produtos enquanto tal, sem perceber a essencialidade do trabalho social exercido posteriormente”.
- 2) o dualismo mídia/sociedade – “o que se passa na *sociedade* tende a ser visto como extramidiático ou só como ‘recebimento’”
- 3) a investigação esparsa dos processos de interação – “cada um visto apenas na sua especificidade de objeto em estudo”
- 4) uma visão hipostasiada da “interatividade estrita” – “só deixa perceber interações de usuários com a mídia quando ocorre retorno imediato e pontual, omitindo justamente as interações sociais diferidas e difusas”
- 5) “o próprio fato de que construímos mais facilmente relações entre processos quando podemos referi-los a sistemas enquanto articulações estruturais e mais dificilmente percebemos ‘sistemas de processos’ não biunivocamente relacionados a sistemas de estruturas”

A proposta de um terceiro sistema de processos midiáticos contrapõe o conceito de leitura como apenas uma relação íntima e despojada entre o leitor, usuário e o texto. Braga cita no texto o conceito de “mediações” apresentado por Jesús Martín-Barbero, segundo o qual o “espectador traz para a interação com a mídia suas vivências e suas bases culturais socialmente elaboradas”.

Assim, não encontramos apenas interpretações de produtos específicos que *depois*, uma vez feitas, circulam; os próprios gestos de selecionar, apreender, interpretar já se fazem em articulação com processos e dispositivos sociais desenvolvidos no próprio ambiente de interações da sociedade com sua mídia.
(BRAGA)

Braga define “dispositivos sociais” como: cineclubes, fóruns de debate sobre rádio e televisão, sites de *media criticism*, crítica jornalística, revistas com cujo tema é a própria mídia, produções acadêmicas sobre os meios, processos de autocritica da imprensa etc.

Diante disso, ele caracteriza como evidência de que a sociedade age sistematicamente sobre a mídia o fato de que se instalam na sociedade tais dispositivos, que se caracterizam como modos organizados e suscetíveis de apreensão sistematizada e sistêmica.

E é a variedade desses dispositivos sociais sobre a mídia que, segundo o autor, evidencia a consistência da proposta de conceituação de um terceiro sistema.

Observações de campo realizadas pelo autor contataram algumas ações e processos desenvolvidos por estes dispositivos sociais. Ele lista alguns desses tipos de ações:

- a) crítica – interpretações e objeções interpretativas, seleções qualitativas etc

- b) retorno – feedback, retroalimentação do sistema de produção, indicações para revisão, criação, redirecionamento, construção de gêneros

- c) militância social – crítica-ação, processos sociais de uso da mídia a serviço de posições e argumentos

- d) controle da mídia, *media criticism* – processos sociais de enfrentamento e controle da mídia

- e) sistematização de informações – processos organizados de classificação, organização e disponibilização de acervos

- f) circulação comercial – estímulos à seleção e ao consumo midiático, operações de marketing da própria mídia

g) processos educacionais e formativos – aprendizagens ordenadas, sistemas e dispositivos educativos para uso e direcionamento da mídia

h) processos de aprendizagem em público – “aprendizagem de usuário” e funções de socialização

Todas essas ações e processos, segundo Braga, podem se misturar e se interferir mutuamente.

é possível, portanto, fazer uma análise crítica (ou político-social) de como uma sociedade funciona midiaticamente não só pelo estudo (mais habitual) das características de sua produção midiática, mas também (e chegando, assim, a uma compreensão mais abrangente) pelo estudo dos dispositivos e processos sociais que a sociedade desenvolve para tratar de sua mídia.

Assim, Braga termina o texto definindo o que considera a “função” do subsistema estudado:

O subsistema parece se colocar como espaço de escolha para a intervenção crítica, cultural, educacional e operacional, nos trabalhos da sociedade, no objetivo de estimular seus processos midiáticos de modo socialmente responsável e relevante.

Conclusão

A partir da percepção de que a sociedade age sobre e com a mídia, o texto tem como ponto de partida, como hipótese prospectiva, a existência de um terceiro componente do sistema de processos midiáticos na sociedade, ao lado do subsistema de produção e do subsistema de recepção: a interação social sobre a mídia, como sistema de resposta socialmente desenvolvido dentro da mesma dinâmica histórica que move a sociedade em sua midiaticização.

A proposta de um terceiro sistema de processos midiáticos contrapõe o conceito de leitura como apenas uma relação íntima e despojada entre o leitor, usuário e o texto, o

que, principalmente nos dias de hoje, não faz mais sentido, na minha opinião. Braga cita no texto o conceito de “mediações” apresentado por Jesús Martín-Barbero, segundo o qual o “espectador traz para a interação com a mídia suas vivências e suas bases culturais socialmente elaboradas”. Esse conceito, no meu ponto de vista, é muito válido.

Dessa forma, o autor considera que a parte dinâmica desse sistema de resposta corresponde aos processos e dispositivos sociais que se relacionam criticamente com a mídia.

O autor afirma, também, que a hipótese de um terceiro sistema de processos mediáticos engloba uma série de atividades relacionadas à mídia, exercidas por meio de dispositivos sociais, e que habitualmente, como é mostrado por Braga, são estudadas de modo esparso ou que são percebidas como de recorte extramediático: dispositivos críticos, de retorno, de aprendizagem mediática, de controle, mas também de circulação comercial, de venda, de sedução. E, através da pesquisa apresentada no texto, Braga mostra a importância de se mudar esse quadro.

This document was created with Win2PDF available at <http://www.win2pdf.com>.
The unregistered version of Win2PDF is for evaluation or non-commercial use only.
This page will not be added after purchasing Win2PDF.